

A BEATA MARIA DO EGITO

AUTOR: Raquel de Queiroz

Número de personagens:

Personagens: 3 homens e 1 mulher

Tenente - Delegado em uma cadeia do Ceará

Cabo Lucas - na mesma delegacia

Coronel Chico Lopes - chefe político da cidade

Beata - romeira que anda arregimentando pessoas para defender
o Padre Cícero

Número de páginas: 46

Número de exemplares: 3

Atos: 3

Tema: Um lugarejo do interior do Ceará onde as pessoas se preparam,
sob o comando da beata, para entrar na luta em defesa do Padre
Cícero.

TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 — CEP 90010

3 = UH
25

A BEATA MARIA DO EGITO (RAQUEL DE QUIEROZ)

CENÁRIO



Sala de Delegacia de Polícia, em pequena cidade do Nordeste brasileiro. Paredes nuas - exceto por uma folhinha de calendário bem à vista, onde se lê a data: 17 de dezembro.

Ao fundo, a porta de entrada - duas folhas de madeira grossa; a trave de ferro está encostada ao lado. Vizinha à porta, uma janela estreita, gradeada. (A sala deve dar a impressão de uma pequena fortaleza).

À direita, o cubículo dos presos, cujo interior se avista parcialmente. Mobilizado por uma mesa e um banco toscos; sobre a mesa, uma moringa, um toco de vela numa garrafa.

À esquerda, pequena porta que dá para o alpendre-da-guarda - versão sertaneja da casa do guarda.

O mobiliário da sala é muito simples: a mesa do delegado, com pasta, tinteiro, porta-caneta, berço de mata-borrão, moringa com água, copo, um peso de papéis.

Uma cadeira de braços, atrás da mesa; pela sala, duas cadeiras comuns. As três são de encosto livre, digo, liso, de pau.

Ao longo de um trecho da parede, à esquerda, um comprido banco rústico. Num canto, o armário das armas.

ESTE CENÁRIO É O ÚNICO EM TODA A PEÇA.

1º ATO

Em cena o Tenente e o Cabo Lucas.

É de tarde - hora de expediente na Delegacia. O Tenente-Delegado está sentado à mesa. Veste farda (de polícia estadual do (legado) Ceará, lá por 1913), sem grade aguro, colarinho aberto, lenço ao pescoço. Cabeça descoberta - vê-se o quepe pendurado a um torno, na parede. O Tenente porta revólver e faca à cintura. O Cabo Lucas, fardado também, sabre à cinta, quepe na cabeça, de pé, inclina-se sobre a mesa, acompanhando as explicações que dá o Tenente. Este, com os objetos de sobre a mesa - tinteiro, mata-borrão, etc. - organiza no plano de cidade cercada completando as faltas por indicações feitas com o lápis.

TENENTE - Está vendo? Faz de conta que isto aqui é a cidade de Juazeiro... (Gesto circular)... a casa do Padre Cícero fica mais ou menos aqui... e, aqui, a igreja das Dores...

CABO - Sim senhor.

TENENTE - O valado foi aberto em toda a volta da cidade - por aqui... por aqui... Agora, a tropa da polícia estadual tem várias estradas para escolher. Mas naturalmente vem por esta... aqui... que é a principal.

CABO - A estrada real, como é chamada...

TENENTE - Isto. Alcançando a cidade, eles se espalham, fecham o cerco, e ficam esperando que o Padre serenda.

CABO - E seã que eles tem gente para cercar o Juazeiro todo?

TENENTE - Falam em mais de mil, em dois mil... E ainda esperam tropa e armamento do governo de Pernambuco.

CABO - Desculpe, Tenente. O senhor vai dizer que eu é sousoldado, ganh do Governo, não posso cusir no bocado que como... Mas o senhor acha direito mandar cercar de soldado a cidade santoa do Juazeiro e jurar de trazer o Padre Cícero preso ou morto? O senhor

ATENÇÃO

A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA À APROVAÇÃO



....O senhor não acha que é até arriscado, graça medonha? Afinal o Padre velho nunca fez mal a ninguém, todo o mundo sabe que ele é santo, mandado por Deus a este mundo para ajudar quem sofre...

TENENTE - O caso não é esse, Cabo Lucas. O Governo não tem rexa com o Padre. Há mais de quarenta anos que ele é a bem dizer dono do Juazeiro, e o Governo não se mete - quando não ajuda, como fez na briga com o bispo. Mas agora é diferente. Foi o Padre que atacou o Governo, não reconheceu o presidente eleito, juntou um exército de jagunços, e chegou ao cúmulo de inventar outro governo, outro presidente, outra assembleia, com sede no Juazeiro!

CABO - Mas se tem o governo na capital e tem outro no Juazeiro, por que não fica cada um mandando na sua terra?

TENENTE - Juazeiro faz parte do Estado do Ceará, tem que acatar as ordens da Capital. Não pode haver dois governos no mesmo Estado - o Ceará um só. Ou o Padre Cícero reconhece o governo legal, ou o presidente do Estado tem que obrigar o reconhecimento, nem que seja a ferro e fogo.

CABO - Tenente, Deus que me perdoe, mas quem é Franco Rabelo para obrigar sujeição a um santo - e que santo? Meu Padrinho Padre Cícero?

TENENTE - Fraco Rabelo é governo, e basta, Cabo Lucas. É só o Governo é que tem o direito de mandar no povo.

CABO - Ele pode ter o direito, Mas na hora de arranjar soldado, só arranja a força, e ainda por cima pagando! Já o Padre, basta levantar a voz acodem mil ou dez mil. E o senhor já viu quem briga alagado derrotar quem luta de graça, só pela fé?

TENENTE - Bem, essa é a dificuldade. O Governo tem que recrutar, pagar, obrigar... Enquanto que, pelo Padre, é a quelacegueira.

CABO (Confidencial) - Ouvi dizer que só daqui da cidade já tem mais de doze homens dispostos a acompanhar a Beata e irem acudir o Juazeiro!

TENENTE - Eu sei muito bem quem são eles! (Irritado) mas só se saírem escondidos! E eles que não brinquem comigo, porque a primeira que eu prendo é a tal Beata!

CABO - Tenente, não diga uma coisa dessas. A Beata é santa mesmo, não é abuso do povo? Faz milagre, com a graça de Deus! Eu mesmo não vi, mas teve quem me contasse.

TENENTE - Eu sei, eu sei! Por isso mesmo nunca deixei que tocassem num cabelo dela. Mas agora já é abuso. Por que não foi embora? Pediu passagem com os homens - todo o mundo sabia que iam para o Juazeiro - mas fiz vista grossa: está bem, passegem, a estrada é livre! O diabo é que não se contentaram em pagar: se arrancharem dentro da rua e agora andam requisitando I mandtimento e munição pelo comércio!

CABO - Mas nem ela nem os homens dela não obrigam a ninguém, Tenente. Só recebem de quem pode dar. O povo é que leva gosto ajudar os defensores do Juazeiro, que eles dizem que é a nova Jerusalém!

TENENTE - Cabo Lucas, Cabo Lucas, não me dê cuidado! Quem escuta você falar, diga jurando que está pronto para se juntar com eles! Deixe de bobagem, lembre-se de que é soldado!



CABO - Sim, Tenente, me lembro que sou soldado que me prende mais é quando penso que acompanho o senhor desde menino... Quantos anos faz, Tenente, que sou a sua ordenança?

TENENTE - Nem sei - oito ou dez. É uma coisa lhe digo: a qualquer hora nós também podemos ser mandados para o Juazeiro - mas para atacar! A sua sorte é que isto aqui fica a meio caminho dos romeiros e não se pode deixar desguarnecido.

(O Tenente levanta-se, acende um cigarro, vai até à janela. O Cabo, visivelmente emocionado, insiste).

CABO - Meu pai contava que meu finado avô, só para não ter que brigar na guerra do Paraguai, cortou de facão o polegar direito. Queria ver, então, quem fizesse o velho atirar! Quando a desgraça é grande, a gente dá um jeito...

TENENTE - Cale a boca, seu idiota. Ou quer me obrigar a prender você?

CABO - Desculpe, Tenente. Mas eu estava só contando ao senhor...

TENENTE - Pois não me conte nada! (Espia da janela) Lá chega o Coronel Chico Lopes. Vem na certa me aborrecer. (Volta à sua mesa, onde finge ocupar-se com os papéis. O Cabo se dirige à porta, que só tem uma das bandas abertas, e abre obsequiosamente a outra).

Entra o Coronel Chico Lopes.

É o chefe político da localidade. Gordo, meia-idade, vestido de paletó e gravata - terno de brim à moda da época, talhado pelo alfaiate de um coronel do sertão.

Entra rapidamente, dirige um gesto de saudação ao Cabo Lucas, que lhe fez continência, e caminha até à mesa do Tenente, que se ergue devagar.

CORONEL - Bo, dia, Tenente.

TENENTE (Apertando a mão que o Coronel lhe oferece) - Bom dia, Coronel Chico Lopes. (Para o Cabo) Cabo Lucas, uma cadeira para o Coronel.

O Cabo traz uma das cadeiras e o Coronel senta-se; O Tenente ocupa novamente o seu lugar.

TENENTE - Tudo em paz, Coronel?

CORONEL (Brusco) - Não! Ainda estou esperando as suas providências sobre a Beata! Sabe que já deram até um burro arreado a essa mulher, para ela poder levar as tais esmolas?

TENENTE - A sua obrigação é impedir que ela perturbe a ordem. Por sinal, o telegrafista foi lá em casa me mostrar a cópia do telegram do Chefe de Polícia. Que é que o senhor me diz agora?

TENENTE - O telegram era para mim, Coronel Chico Lopes

CORONEL (Muito irritado) - Não se esqueça, Tenente, de queque sou o chefe político do município! Se a autoridade telegrafou ao senhor foi atendendo à minha ponderação! Ninguém pode guardar segredo político de mim, nesta cidade! Eu não tinha dito Eu preveni: ou o senhor prendia a Beata, ou eu tomava providências. Agora quero ver o que o senhor faz diante da ordem formal do Chefe do Polícia.....

TENENTE (Irônico) - O que tenho a lhe dizer, Coronel que eu também li o telegrama. E o senhor pode ficar descansado.

CORONEL - Só posso ficar descansado quando vir a sua mão, Tenente! Essa mulher não há de andar na cidade impunemente, procôcando ajuntamentos, e - o pior que tudo! - aliciando homens para combaterem o Governo! (Exaltado) Essa mulher tem que ficar por trás de grades!

TENENTE - Já mandei intimar a Beata a que comparecesse aqui na Delegacia.

CORONEL - Ora, delegado! E o senhor acha que ela atende a uma simples intimação? Devia ter mandado logo prender!

(CORONEL - Or) TENENTE - Coronel, eu só posso pensar pela minha cabeça. Mandei dois homens, e eles têm ordens...

CORONEL - Dois homens! Que é que o senhor pensa que são dois homens para aquele bando de desordeiros? Fanáticos! E armados! A estas horas os seus dois homens já devem ter sido san grades.

TENENTE - Não creio. A Beata não tem interesse em provocar conflito. Está de passagem, já de querer sair daqui em paz com os homens que já reuniu.

CORONEL - A responsabilidade é sua! É o que diz o telegrama!

TENENTE - Eu sim, Coronel. Eu também sei ler.

CABO LUCAS (Da porta, dirigindo-se ao Tenente) - Com licença, Tenente. A Beata está chegando. Vem só.

TENENTE - Deixe entrar.

O Tenente se levanta a fim de receber a Beata, mas o Coronel se deixa ficar sentado, deliberadamente.

Entra a Beata.

A Beata Maria do Egito é mulher nova - nos seus 25 anos, mais ou menos. De certo modo bonita, apesar da roupa que veste: espécie de hábito de freira, lu túnica, cor de tabaco, 1º longa, afogada, mangas compridas. Traz à cintura um cordão, como os de frade, do qual pende um grande rosário de contas claras. Tem ao peito uma cruz de prata, do tamanho de uma cruz de bispo. Sobre os cabelos caídos às costas, em tranças frouxas, uma pano fino escuro.

É esguia, pálida.

Atravessa a sala em passo firme e se dirige ao Coronel Chico Lopes.

BEATA - Foi o senhor que mandou me chamar pelos soldados?

TENENTE (Adianta-se) - Não fui eu. Sou eu o delegado de polícia.

BEATA - Não precisava os soldados me trazerem na rua. Eu vim porque quis.

CORONEL : A ordem pública! As autoridades desta terra não podem permitir que uma agitadora, uma cabeça de fanáticos...

BEATA - Eu só estou querendo que me dêem passagem. Mandei a minha gente tirar escola porque precisamos de comer. Mas foi pedindo pelo amor de Deus.

CORONEL (Exaltado) - Pedindo, mas de armas na mão! E pra onde é que a senhora leva essa gente?

BEATA - Por que pergunta? Então o senhor não sabe para onde é que vamos?

CORONEL - Pois diga! Eu quero que a senhora diga aqui em frente do delegado de polícia, para onde é que vai com essa cabeceira armada!



BEATA -- Todo o mundo sabe, que dirá o delegado. Mas a verdade não faz medo a quem teme a Deus. Nós vamos acudir o santo do Juazeiro, que está cercado pelos herges rabelistas.

CORONEL -- Ouvia, delegado, ouviu? Está aí a condissão O senhor, como autoridade policial, tem obrigação de prender essa mulher?

TENENTE (Que acompanhou o diálogo de braços cruzados e olhar alternadamente a Beata e o Coronel) -- Coronel Chico Lopes, o senhor quer me dar licença de interrogar a moça? Com exaltação não adianta.

CORONEL -- Interrogar mais, para quê? Ela já não confessou? O senhor tem a confissão completa, feita diante de duas testemunhas!

TENENTE (Procurando ter paciência) -- Mas tem que se fazer tudo pela forma. Para isso estou aqui. O senhor vai me dar licença...

CORONEL -- Delegado, o senhor quer que eu me retire? Pois fique sabendo: eu lavo as minhas mãos! Vou-me embora, e o senhor vai agüentar as consequências. Tu lavo as mãos!

BEATA (Provocando-o) -- Como Pilatos?

CORONEL (Volta-se para ela, furioso) -- Como Pilatos, não senhora! Porque eu lavo as mão desse interrogatório, mas vou agir! Se esse moço não cumpre o que deve, eu, como chefe político desta terra, tomarei minhas medidas -- nem que faça correr sangue!

BEATA (Continuando a provocar) -- Como Herodes...

O Coronel dá um passo em direção à Beata, mas o Tenente se interpõe.

TENENTE -- Por favor! Essa discussão não adianta! Coronel, já lhe pedi, tenha a bondade.

CORONEL -- Eu saio? Eu saio! Pode fazer o seu interrogatório como quiser, que eu não incomodo mais! (Vai se indo, o Cabo lhe abre a porta, mas o Coronel ainda fala, ameaçador) Mas tenha cuidado, Tenente! Eu estou esperando! Sai o Coronel.

O Tenente volta a sentar-se à mesa. O Cabo mantém-se em posição mais ou menos de sentido, no seu lugar, junto à porta. A Beata conserva-se de pé no meio da sala, ereta, e as mãos cruzadas sob as mangas de hábito.

TENENTE (Indica à Beata a cadeira que o Coronel ocupou) -- Faça o favor de se sentar.

BEATA -- Não senhor, eu nunca me sento.

TENENTE (Encolhe os ombros, despeitado) -- Como queira (Puxa a gaveta, tira de lá um livro grande, preto, abre-o em cima da mesa, pega a caneta, molha a pena, prepara-se para escrever). Seu nome?

BEATA -- Me chamo Beata a Maria do Egito. Av. Borges de Medeiros, 835 -- CEP 90010

TENENTE -- Está bem. Nome de seu pai e da sua mãe?

BEATA -- Não sei Não conheci pai nem mãe.

TENENTE (Escrevendo) -- Pis falecidos... (Para a Beata) Mas não sabe nem o nome deles?

BEATA -- Como é que eu podia saber? Fui injetada; Me deixaram dentro de um forno, no quintal de uma casa. Quem me pegou foi ver na folhinha a, em vez do santo do dia, estava escrito: "Fuga para o Egito." Assim me batizaram por Maria do Egito.

TENENTE -- Nesse caso, quer dizer o nome de seus pais adotivos?

TEATRO DE ARENA : 226-0242



BEATA - Para quê? Basta que me persigam a mim.

TENENTE - Não tenho a intenção de perseguir ninguém. O meu dever é botar seu nome neste livro, e o nome de seu pai e de sua mãe.

BEATA - Mas eu já não disse ao senhor que não tenho pai nem mãe? Meus padrinhos me criaram. Viviam longe, na serra do Mombaça.

O Cabo, ao ver a Beata de pé por tanto tempo, não se contém e chega-lhe a cadeira.

CABO, - Minha santa, se sente, por caridade?

A Beata sorri para o Cabo e senta-se. O Cabo, satisfeito, volta ao seu lugar.

TENENTE (Vendo-a sentar-se) - Assim está melhor. Obrigado. (Volta ao livro) Sabe ler e escrever?

BEATA - Quem me criou tinha capricho: me ensinaram a ler e ler nas letras da História Sagrada. (Recordando) - Naquela casa só se vivia pelo temor de Deus... Eram devotos - desses que o povo chama de penitentes.

TENENTE - Penitentes? Sim, ouci falar desses devotos, espalhados pela serra de Mombaça. Mas não conheci nenhum.

BEATA - Levantaram um cruzeiro bem na porta de casa. Nas noites de sexta-feira ninguém comia, oucindo o choro e a reza dos homens, ajoelhados no terreiro, ao pé da cruz. E de madrugada as mulheres preparavam salmoura, para lavar o sangue dos eqóites...

O Cabo Lucas, do seu lugar, escuta com atenção profunda.

TENENTE - Não admira que a senhora, criada no meio desse povo, um belo dia vestisse o hábito de Beata, saísse pelo mundo... juntas e gente ao seu redor... E agora tem fama de santa.

BEATA - Não sou santa. Mas escuto a voz dos santos. Santo, só Deus no céu e meu Padrinho no Juazeiro.

TENENTE - Mas o que corre por aí é que a senhora faz tantos milagres como o Padre. Adivinhor que um homem ia morrer de repente; depois devolveu os olhos a um menino cigo de nascença...

BEATA - Quem cura é Deus. Eu sou a escrava dos pobres.

TENENTE - Escrava? Mas se é o povo que se ajoelha na frente da senhora?

BEATA - I akter é de barro? a imagem é de pau. A gente não se ajoelha diante do barro nem do pau. Ajoelha-se diante do santo que está no céu.

TENENTE - Já esse ponto eu não posso discutir. Sou um tenente de polícia, não entendo de santidade. Só tenho a obrigação de manter a ordem. (Volta-se ao livro) É solteira, não? Que idade tem?

BEATA - Vou entrar nos vinte e sete.

TENENTE (Procurando falar o mais oficialmente possível) - Bem, a senhora é acusada de reunir um bando de homens armados se dirigir com eles em auxílio dos rebeldes do Juazeiro Confessa a acusação?

BEATA - Quando a palavra não pode mais, chega a vez das armas. O Padre pediu e implorou, mas o Governo não quis ouvir. São Luís, rei de França, também puxou da espada para salvar o juazeiro, digo, Jerusalém dos turcos infiéis.



TENENTE - Mas isso é lé com a política - isso é luta de homens! E a senhora, uma mulher - uma moça...

BEATA - Judite também era mulher, e não teve medo de atacar o tirano Holofernes.

TENENTE (Impacientando-se) - Escute aqui, minha filha - quero dizer, escute aqui, Beata: a gente não podia conversar direito, ou perguntando, a senhora respondendo, como suas pegadas de juízo? Assim como vamos, ninguém se entende. Cada coisa que eu pergunto, a senhora vem com o rei da França, com o catecismo, com a História Sagrada...

BEATA - Por falta de catecismo e de História Sagrada é que o mundo está assim perdido - os hereges levantando a mão contra os santos.

TENENTE (Encolhe os ombros) - Eles dizem que a senhora é maluca. Ou então, que se finge de louca, para arrastar o povo ignorante. Mas já isso não seria loucura também? E dizem outros que a senhora recebe o dinheiro das esmolas - e guarda tudo consigo...

BEATA (Irada ante a acusação, levanta a cabeça) - É um falso!

TENENTE (Atalha com um gesto) - Espere, não sou eu que digo! A senhora mesma foi testemunha dos gritos e da exaltação do Coronel Chico Lopes. Eu até lhe confesso que, por mim, não acredito. Ao contrário, posso-lhe contar que conversei com a mãe daquelas ciguinhas que a senhora curou. Fiquei muito impressionado.

BEATA - Então, se tem fé, por que me chamou aqui?

TENENTE - Bem, uma coisa é ser santa, rezar e até fazer milagres, outra coisa é andar com jagunço e ajudar revolução. Por isso é que tenho de impedir a sua saída da cidade.

BEATA (Levantando-se) - Quem é o senhor para me impedir de socorrer o santo?

TENENTE (Levantando-se também) - Mas, criatura, eu sou o delegado! Quer que lhe mostre o telegrama do Chefe de Polícia?

BEATA - E quem é o Chefe de Polícia, também? Terá missão de Deus?

TENENTE - Polícia é uma coisa, e missão de Deus é outra. Todo este tempo estou procurando lhe explicar. Polícia tem que prender criminosos, impedir desordens...

BEATA (Sem querer ouvir) - Então, se não é missão de Deus, é missão do demônio. (Encarando-o) O senhor por que não se arrepende? Não tem vergonha de dar mão forte aos prepostos de Sataná?

TENENTE (Erguendo as mãos) - Um momento! Um momento! Parece que está tudo trocado! Quê é que estou procurando cumprir minha obrigação. E a senhora é que, sendo uma mulher, uma moça, juntou em bando de cabras armadas que se dizem romeiros...

BEATA - São romeiros!

TENENTE - ... e vem, de estrada abaixo, alegando que alegando que pede esmola, mas na verdade exigindo comida, dinheiro...

BEATA - Dinheiro, não.

TENENTE - ... e agora invade a cidade, que eu tenho a obrigação de policiar, procura atrair mais homens, mais cangaço.



BEATA - O senhor sabê muito bem que não são Cangaceiros. Cangaceiro é quem se arma para matar e roubar e fazer o mal. Estes são homens direitos, pais de família, devotos do santo que os rebelistas querem matar.

TENENTE - Isso é o que a senhora diz. Para o Governo que é o patrão que me paga, são revoltosos. E, usando de ameaça com os seus...revoltosos, a senhora conseguiu mais armas, mais munição, e quer ter passe livre para sair da cidade. Não é possível!

BEATA - E que é que o senhor vai fazer?

TENENTE - Manda desarmar os seus cabras.

BEATA (Desdenhosa) - Quatro soldados contra um bando de homens dispostos, bem armados!

TENENTE - Estou esperando reforço - tropa de capital. Pode ser que venha ainda hoje. E, enquanto não chega, mantenho a senhora presa aqui.

BEATA - Ora, reforço! Soldado que o Governo tem é pouco para o cerco do Juazeiro! E - vá lá que chegue - de que lhe servia esse reforço, Tenente? Matasse o senhor os meus companheiros todos, os poderes de Deus me mandavam outros? Por cada um que morra, talvez me apareçam até mil.

TENENTE - A senhora não devia tomar essa atitude de provocação. Olhe que eu tenho ordens para fazer muito pior. Quer ver?

Pois ouça o que diz o telegrama do Chefe do Polícia: (Lê) "Determinamos prisão mulher que faz chefia fanáticos. Caso ache necessário pode enviá-la acompanhada escolta para Capital." Veja que eu recebi ordens até para mandá-la escoltada a Fortaleza!

BEATA - Quero ver quem tem a coragem de levantar a mão contra serve dos pobres!

TENENTE (Caminhando até perto dela) - Não desafie, Beata! A senhora pode ver o que diz, mas se lembre...

BEATA -(Encarnado-o) - Não tem medo de castigo, irmão. O braço que me prende pode-se cobrir de chagas... os olhos que me infantam podem cegar de repente... Se eu levantasse esta mão e dissesse: "Cegai, olhos atrevidos..."

TENENTE (Recuando) - Que santa será essa que roga pra ga nos outros?

BEATA - Não é prego. É aviso. Não brinque com os poderes de Deus!.

A porta abre-se bruscamente. Entra o Coronel Chico Lopes. Vem mais exaltado do que saiu, brandindo um jornal. Todos se voltam para ele, que se dirige em linha reta ao Tenente, atirando o jornal sobre a mesa.

CORONEL - Essa mulher ainda está solta, conversando? Ponha essa criatura no xadrez e desperse a gente dela, delegado (Para o jornal, mostra uma manchete) Veja! (Lê) "Derrota da força que atacou o Juazeiro!"

TENENTE - Mas nove choques? Não era um cerco? O Juazeiro todo não esteve entrincheirado atrás dos valados?

CORONEL (Quase inocente, de tão emocionado) - Já se vê que não estava... Não sei - sei que atacaram...pela estrada de São José...E foram batidos! Está aqui - contam aqui...(Lê) "As obras de fortificação detiveram as forças atacantes. Por trás do muro de barro, osromeiros fuzilavam os soldados legalistas. À noitinha, já estava desbaratada a 1ª Companhia... A estrada ficou cheia de soldado fugitivos... Oitenta e quatro um mortos entre as tropas do Governo..."



BEATA (Levantado as mãos para o céu) - Viva quem se entrega a Deus!

TENENTE (Virando-se rapidamente para a Beata) - E eu torno a perguntar: que santa é essa que se alegra com a morte dos infelizes cristãos?

BEATA - Cristãos? Sodados do Anticristo?

CORONEL (Furioso) - Delegado, prenda essa mulher!

BEATA (Fita o Coronel, com desprezo) - Quem levanta a mão contra o santo do Juazeiro tem que morrer de morte ruim!

CORONEL - Não se largre tão depressa: a tropa está-se reorganizando no Crato e vai fichar o cerco outra vez!

BEATA Tantas vezes for, tantas perderá! Morrem a bala ou a ferro frio, em pecado mortal, sem confissão, sem nem ao menos uma vela acesa, no escuro, sem luz de Deus!

CORONEL (Quase aos gritos) - Tenente, prenda essa louca, já lhe disse!

TENENTE (Calmamente) - Não grite comigo, Coronel Chico Lopes. Lembre-se de que eu não recebo ordens do senhor.

CORONEL Bagano seu? Se eu disser uma palavra, amanhã mesmo você não é mais delegado nem nada! Tiro-lhe até os galões boto-o a soldado raso!

TENENTE - Pode ser. Mas ainda estamos no dia de hoje Os dois homens se enceram raivosos.

BEATA (Intervindo em voz tranqüila) - Então posso ir embora, Tenente? Meu pessoal deve estar aflito...

CORONEL -Delegado, ouviu o ela disse?

TENENTE (Para a Beata) - Não senhora, não pode se retirar. (Para o Coronel) - E o senhor, por obséquio se retir.

CORONEL - Pela segunda vez o senhor me manda embora a mim! Aproveite enquanto pode. Porque isto vai acabar!

TENENTE - Sem senhor. (Para o Cabo) Cabo Lucas, acompanhe o Coronel Chico Lopes.

O Cabo se põe ao lado do Coronel, que num repelão, sempre furioso, se dirige à porta e vai abri-la; mas o Cabo se adianta, abre a porta, perfila-se, dando-lhe passagem. Sai o Coronel. O Tenente senta-se na cadeira de braços, põe os cotovelos sobre a mesa, segura o queixo entre as mãos; O Cabo e a Beata o fitam, perplexos.

TENENTE (Para a Beata) - A senhora pensou mesmo que essa notícia do jornal alterava alguma coisa em seu favor? Só podia piorar. Aliás, acho que a senhora entende muito bem. Só disse aquilo para enfurecer o homem não foi? Sebe que está presa!

BEATA - E o senhor, se assustou com os gritos dele? Tem medo de um velho garão, e não tem medo da voz de Deus!

TENENTE (Sobrio) - Comigo Deus não fala. A voz dele eu nunca ouvi.

BEATA - Tenente!

TENENTE (Fatigado) - Não adianta. A senhora está presa. (Para o Cabo) Cabo Lucas!

CABO LUCAS (Aproxima-se) - Pronto, Tenente.



TENENTE - Leve esta presa ao radiz.

O Cabo olha para o Tenente, por um instante não acreditasse muito no que ouve. Talvez queira dizer alguma coisa, mas não ousa. Por fim, dirige-se lentamente à parede direita, onde, num prego, está pendurada uma chave antiga, de formato grande. Desprende a chave e com ela destranca a porta gradeada do cubículo.

BEATA - O senhor me prende, e mim, que sou mulher...

TENENTE - Não aegue que é mulher? Foi a senhora mesma que se esqueceu disso!

BEATA (Faz um gest, como se o protesto dele não tivesse importância) - Está bem! Mas poderá prender os meus homens?

TENENTE - Não se iluda. O reforço vem na certa. Amanhã pego tudo.

BEATA - Então vai correr sangue.

TENENTE - E ainda assim a senhora tem a coragem de dizer que não veio fazer mal a ninguém?

BEATA - Mal seria ajudar no pecado.

TENENTE (Para o Cabo) - Cabo Lucas, acompanhe a presa!

O Cabo, ainda hesitante, ergue os olhos para o Delegado. Este o fita também, com ar decidido. O Cabo, vencido, aproxima-se de Beata, mas não ousa tocá-la. Timidamente levanta a mão, como se lhe pedisse a bênção.

CABO - A senhora...quer entrar ali?

BEATA (Sorri para o Cabo) - Louvado seja Nosso Senhor, irmão!

CABO (Em voz baixa) - Para sempre seja louvado!

A Beata faz ostencivamente o sinal da cruz, tira o rosário da cintura e se encaminha ao cubículo, de cabeça erguida, sem olhar para o Tenente. E o Tenente, dando-lhe as costas, dirige-se à janela, acende um cigarro e fica a olhar para fora.

O Cabo segura a porta gradeada, espera um momento, a fitar a presa, que, depois de entrar, se ajoelhou no meio da cela, e se pusera a rezar.

Por fim, gira a chave na fechadura, por sua vez faz o sinal da cruz, mas furtivamente.

CABO - Deus que me perdoe! Mas não mando, sou mandado!



Primeiro Quadro

O mesmo cenário do 1º Ato. A folhinha, na parede, marca o dia 26. É noite. O Cabo, sozinho, arruma a mesa do Delegado arranjando papéis, pondo objetos no lugar; em seguida, alinha as cadeiras de encontro à parede. Procede, enfim, à arrumação noturna da Delegacia. Ao concluir, tirado prégio a chave grande e chega à porta do cubículo. Enfia a chave na fechadura.

CABO - Dá licença, Beata? (Não espera resposta, gira a chave; abre a porta, mas não entra. Com a mesma voz, um pouco tímida, pede) A senhora quer ter a bondade de me dar a louça do jantar?

Entra a Beata.

Aparece à porta fechada do cubículo e entrega ao Cabo um prato coberto por outro, e um talher. Veste a mesma roupa do ato anterior, menos o véu, mostrando o cabelo, de tranças frouxas.

BEATA - Está tudo aqui. Agradecida, Cabo Lucas.

CABO - Faltou alguma coisa, Tem água na quartinha?

BEATA - Está quase cheia.

CABO - E a vela,

BEATA - Prouvera a Deus que ela durasse mais do a minha presença aqui! Ainda dá para hoje, talvez para amanhã.

Durante o diálogo os dois mantêm praticamente a mesma posição - a Beata à porta do cubículo, o Cabo alguns passos atrás respeitosamente.

CABO - Tenha paciência, Beata.

BEATA - Os outros é que não têm paciência comigo, irmão. Mas eu sei esperar.

CABO - Ai, Beata, se eu me governasse! Se eu não fosse cativo desta farda, soltava a senhora agora mesmo. Bom que gosto estas mãos haviam de abrir aquela porta!

BEATA (Esperançosa) - Os santos anjos do céu e o nosso Padrinho do Juazeiro haveria de lhe pagar em cobre, Cabo Lucas!

CABO (Abana a cabeça) - Mas... a senhora não vê? Não dá para fazer isso com o Tenente? Quem pagava o pior era ele, que é o chefe.

BEATA - Quem obedece o mal, aos maus se igual.

CABO - (quem) Mas eu não posso, Beata! Aquilo é como um filho - ando com ele desde rapazinho, quando sentou praça. Eu ganhar - não tenho coragem. E pedir - não adianta. Nem que eu me arrastasse de joelhos no chão! É homem de cabeça dura que só pedra.

BEATA (Suspirando) - Enfim... quem sabe se ele não há de enroscar a luz, mais cedo ou mais tarde?

CABO - Sei lá! Mas pode ser... A senhora pedindo, Deus escuta... (Pausa) E daí, noto que ele anda muito demudado. Sim mudou demais! Ele não ése afastava nunca... Mas nestes três dias depois que a senhora está presa... só tem boca para fumar e beber café. Vive desinquieto, e se vai dormir em casa, passa nima maldorna, de repente se levanta, sai no meio da noite, vem pela rua de cabeça no serôco. Quando eu pergunto o que foi, diz que tem ver a senhora, não condia na guarda.



BEATA - Eu sei. Eu fejo a lu- e escuto os passo

CABO - Ainda esta tarde, ele se deitou para dormir nouco, e eu fiquei esperando na sala pegada. Quando vi, ele saiu num pesadelo, gritando pelo nome da senhora. Entrei no quarto, sacudi a rede - de le - e no quele acordou, em vez de me agradecer, me botou uns olhos assim encadeados e me exotou de perto, gritando comigo porque eu não esta aqui, de sentinela!

BEATA - Está venso, Cabo Lucas? É o remorso? Lévada seja a Mãe das Dores! É remorso de saber que pôs uma inocente atrás das grades da prisão!

CABO - Pode ser, sim senhora. Só sei que ele anda me mo desnortado. E é por isso que eu lhe peço: tenha paciência.

BEATA - Não é por mim: meus santos me ajudem. Mas já pensou na minha gente?

CABO - Então penso? É o que me dá mais cuidado. Quando levei se recado, falaram comigo. Estão desesperados. E o pior é o chefe - aquele Pedro Cigano. Só não atacaram ainda a cadeia porque a senhora deu ordem de esperar.

BEATA - Não se faz por mal o que por bem hde de ser feito. E eu sei que no Juazeiro o Padre ainda não sofreu derrota. Meu coração me diz que posso esperar.

CABO - Mas os seus homens já andam amotinando o povo, Beata! Vão de casa em casa, e as mulheres escutam o que eles dizem, pegam a chorar e a rogar praga...

BEATA - O povo desta terra é cristão, não é herege nem rebelista!

CABO - Esta noite se ajuntaram todos num terço em casa da velha Luzia das Malvas. Mais de cinqüenta pessoas. E quando a velha começou a tirar o benedito e gritou: "Maria, valei-nos - era um gemer e um bater nos peitos, que até parecia Dia de Juízo. Teve muito homem que saiu dali direto para escorvar a lazareta velha ou fazer a ponta de um chugo...

Entra o Tenente. Abre violentamente a pequena porta do alpendre da guarda. Dirig-se colérico para o Cabo.

TENENTE - Q historia é essa? Quem anda apontando Chugo? E onde é que foi o Dia de Juízo?

CABO (Assustado) - Desculpe, Tenente. Eu só estava contando à Beata o que aconteceu naquele terço de ontem.

TENENTE - E você agora é o leva-e-tráz da Beata? Tomou como penitência contar a ela tudo que se passa na cidade? Pois eu queria que me contasse também alguma coisa! Por exemplo: quando é que os jagunços dela vão atacar a Delegacia?

BEATA (Interpondo-se) - Sossegue, Tenente. Não se arrecie do ataque, que eu já mandei ordem de esperar. Os meusromeiros não fazem nada sem determinação minha.

TENENTE - Mandou ordem? E por quem a senhora mandou a ordem? Cabo Lucas, esta presa não está encomunicavel?

CABO - Mas, Tenente, o recado era de paz. Não era difícil achar quem levasse um recado assim.

TENENTE - Cabo Lucas, a Beata, dentro deste cubículo, não pode falar com ninguém. Nem os soldados da guarda entram cá: ficam lá fora, no alpendre, porque não confio neles. Sempre está aqui em de ns - você ou eu - e é você mesmo quem traz a comida e varre o chão (Pausa) Então foi você, Cabo?

BEATA (Decabeça baixa) - (Tenente ...mas) Não culpe o homem. Ele fez por caridade.

TENENTE (Sem lhe dar atenção, falando ainda ao Cabo) - Você, meu orçança he tantos anos! Meu homem de confiança! Eu botava a mão no fogo por você!



CABO (De cabeça baixa) - Tenente...mas pelas coisas de Cristo! Que é que eu havia de fazer, (Pausa) Ela queria que eu levasse um bilhete - mas bilhete eu não levava. Ela aí perguntou se eu ao menos dava uma recado - e eu respondi que conforme fosse o recado. Ela então disse o que era...Não tinha mal nenhum, Tenente! Essa Beata é uma santa! Achei que era para o bem de todos. E então fui procurar o Pedro Cigano - o senhor já viu - o que chefia os romeiros, no lugar dela...

TENENTE (Exasperado) - Conte logo, homem! Que recado foi esse?

BEATA (Adianta-se, põe à frente do Cabo, como se o quisesse proteger fisicamente) - Mandei dizer que eu tinha passado estas três noites rezando e os meus santos me disseram que esperasse, sem violência. Que a luta ainda houver luta, tem que ser no Juazeiro, não aqui!

TENENTE (Vira-se para o Cabo) - Foi isso?

CABO Foi! Juro que foi - juro por esta cruz!

TENENTE (Cruza os braços, e fica a olhar o Cabo, com seriedade e mágoa) - Cabo Lucas, sabe que, em tempo de revolução é como o de agora, você cometeu um crime? Levar comunicações para o inimigo? Como seu comandante, eu podia mandar encostar você num muro e passar-lhe gogo. Pena de morte!

BEATA (Pondo-se novamente diante do Cabo) - Este homem tem fé, Tenente! É soldado, sim - mas não é maçom nem rabelista! Ele viu que era para o bem, e achou que podia me atender!

TENENTE (Ainda falando com o Cabo) - Soldado não acha nada! Soldado obedece! E mulher esta incomunicável!

O Cabo de no baixa a cabeça, sem responder. A Beata toma a sua posição favorita, de mãos cruzadas dentro das mangas do hábito, cabeça erguida em desafio, como se quisesse atrair só para si a cólera do Tenente. Este acende um cigarro, passeia nervoso pela sala. De repente, interpela o Cabo.

TENENTE - E por que essa grade está aberta? Por que a Beata não está no cubículo, recolhida, dormindo?

CABO (Timidamente) - Vim buscar a louça do jantar.

BEATA (Segurando o rosário) - Não é hora de dormir, Tenente. É hora de rezar.

TENENTE (Para o Cabo) - Retire-se, Cabo!

CABO - Seim Senhor.

Apenas a louça e o talher que pusera sobre a mesa, e se encaminha à porta (a lateral, do alpendre). De lá, volta-se, olha a Beata e o Tenente, faz um movimento, como se fosse dizer alguma coisa, mas arrepende-se.

sai o Cabo.

O Tenente recomeça a passear pela sala, mas detém-se ao passar pela segunda vez em frente da Beata, que debulha o rosário de pé, no vão da porta do cubículo.

TENENTE - Beata, não lhe dói a consciência - desencanilhar esse pobre homem? Aquilo que eu disse do fuzilamento não era brincadeira.

BEATA - Quem tem fé, sofre por seu gosto. Muitos até dão a vida. E, afinal, que foi que ele fez?

TENENTE - Então a senhora não sabe o que é um preso incomunicável?

BEATA (Avança um passo) - E o senhor me diga: eu mereço isso?

TENENTE - Se merece ou não, é outra história. Vamos discutir isso outra vez. Já me basta o que tenho dentro da cabeça - arde que só fogo! O fato é que a senhora presa, não devia ter nenhuma comunicação com o seu pessoal lá fora, mas deu jeito de cômper o Cabo Lucas, que até hoje me era fiel...



BEATA - Ele não tem culpa. É um homem temente a Deus - e se mais não tem feito por mim e pelos meusromeiros, é justamente por amor do senhor. Se me atendeu, foi porque eu jurei que era para não correr sangue inocente.

TENENTE (Dá um passo em direção a ela) - E ia mesmo correr sangue, Beata (A Beata encolhe os ombros) Se a senhora não sabe, quem saberá? E tem a coragem de confessar a mim - a mim - que o seu bando de jagunços está mesmo disposto a qualquer violência, inclusive atacar a Delegacia? E quando acaba, são uns pobresromeiros, que vivem de esmolas pelo amor de Deus!

BEATA - Sãoromeiros. Mas até um carneirinho manso perde a paciência quando a maldade é demais. Eles me querem bem e sabem que eu não matei nem roubei, e portanto não tenho nenhum direito de estar aqui, presa feito criminoso. E estão aflitos para chegar ao Juazeiro. Lembre-se que deixaram mulher, filhos, roçado

TENENTE - Pois já que a senhora se comunica com ele é bom que mande dizer mais esta: podem até tocar fogo na Delegacia, que a Beata Maria do Egito não será solta! Prefiro que ela se vá em cinza, comigo aqui dentro, a ir-se desgraçar por aí.

BEATA - Não pense em mim! Pense em quem me mandou - que foi Deus...

TENENTE - A senhora não tira o nome de Deus da boca. Mas primeira lei de Deus, para a mulher, é que se dê a respeito. Deus não pode querer que a senhora se meta com essa cabroeira de senfrada, que se junta com assassinos - cada um com mais de cinquenta mortes! - como Sé Pinheiro, Mané Chiquinha... Porque são eles, esses bandidos, os defensores do Juazeiro!

BEATA - O sangue velho, pelo mal derramado, se lava com o sangue novo do sacrifício. E até Caim se arrependeu!

TENENTE - Não, por caridade, não volte com o Caim, com a História Sagrada...

BEATA - O maior cego é quem não quer ver... O maior surdo, o que não quer ouvir.

TENENTE (Virando em frente dela, procurando acalmar-se) - Beata, eu sei que a senhora está acostumada a andar pelo mundo pregando História Sagrada, e nunca lhe aconteceu nada. Sei que a senhora mesma não cuida em mal, e que é devota do Padre Cícero, que também nunca fez mal a ninguém. Mas, pelo amor de Deus me esute: não sabe que nós estamos em guerra? Quem já viu mulher guerreando - e uma moça nova como a senhora, ainda por cima?

BEATA - Não lhe dê isso cuidado. Tem mão mais forte me acompanhando.

TENENTE - Deixe o orgulho! Não sabe que o orgulho é pecado? O que eu digo é isto: se fosse uma velha - vá lá! Não tinha nada a perder! Mas assim como é - então não se conhece? Com esse cara bonita - me desculpe...mas com esse corpo... como é que pode se juntar, sem perigo de desgraça, a um bando de cabras sem lei?

BEATA - O senhor pode pensar essas coisas e mas ele sei que não pensam. Debaixo deste pano... (Pega no hábito)... eles não enxergam nada - nem imaginam. (O Tenente abaixa a cabeça) Quanto a guerra - serrei a primeira? E eu nem arma tenho: só este rosnário. (Põe o rosnário no bolso) Não brigo, Tenente.

TEATRO DE ARENA : 226-0242

Av. Borges de Medeiros, 835 - CEP 90010



TENENTE - Sim, reza. É santa. A santa cangaceira.

BEATA - Tenente, ao redor do Juazeiro, são a milões de soldados e os meninos que estão cavando os valados e levantando as cheiras! Até aprontam as cargas de pólvora, e endurecem as pernas no fogo para fazerem os chuços. Até o Santo, quando sai do oratório onde passa a noite rezando, é correndo dum lado para outro um cão aos morigundos ou abençoando os guerreiros.

TENENTE - O Juazeiro é muito grande; e, se é assim como diz, já deve haver gente de sobra por lá.

BEATA - Não, porque do lado de fora do valado os soldados do Anticristo são tantos que a terra parece amarela com a cor das fardas deles. Até um canhão trouxeram! E querem beber o sangue do Santo, e dizem que vão degolar todos osromeiros. Velhos e mulheres serão sangradas; até menino novo será arrancado do peito de sua mãe! E, no fim, ainda juram que hão de arrasar e salgar a terra do Juazeiro, tal como fizeram em Camudos. Admira que Deus me chame para acudir?

TENENTE - Nada disso será reito! Mas, ainda que fosse, a senhora acha que, com o seu magote de cabras, ia decidir a sorte do combate? Não sabe que todo dia estão chegando ao Iguatu os trens cheios de tropa? E o General Dentas Barreto prometeu mandar de Pernambuco dois mil soldados de linha!

BEATA - Deus dá a vitória a quem quer.

TENENTE - E o Governo ganhando, a senhora acredita mesmo que vão degolar o povo, matar o Padre e consumir com o Juazeiro? Ninguém é ~~szaz~~ carniceiro, o Governo é gente direita, homens de estudo, pais de família, doutores, oficiais do exército. O que eles querem é a ordem.

BEATA - Ordem? Então o senhor tem boca para dizer que o Santo faz desordem?

TENENTE - Eu não entendo de política... se ganhei estes galões, foi com o meu sangue, enfrentando bandido. Mas acho que nem mesmo o Padre, por santo que seja, tem o direito de desobedecer ao Governo.

BEATA - O senhor diz que não entende! Mas obedece! Serve de pau-mandado a eles - prende os inocente...

TENENTE - Depois do que me disse, ainda se acha inocente?

BEATA - O que eu sei é que eu tenho de ir-me embora daqui.

TENENTE - Só eu morto.

BEATA (encarando-o, fira) - Morto? Era. Mas como é que eu podia matar o senhor?

TENENTE (encarando-a, também) - É difícil.

BEATA - Eu não tenho arma... (Olha as próprias mãos) Não tenho força... (Cobre o rosto com as mãos, como se rezasse) - Maria, valei-me!

TENENTE (aproxima-se dela) - Não acredito que você tivesse coragem de me matar - nem que pudesse! Mesmo que tivesse uma arma... (Pega-lhe na mão) ...nem que tivesse força nessas mãos para matar um homem... (Baixa bruscamente o rosto sobre as mãos dela, depois levanta a cabeça, sacudindo-a) Faz três noites e três dias - desde que você passou por aquela porta - minha cabeça parece que tem dentro um fogo aceso. (Aberta a cabeça com a ponta dos dedos, como se sentisse uma dor) Me trata como inimigo - mas

.....



.....

eu não sou seu inimigo! Não sou inimigo seu nem do Padre, nem dosromeiros. Já não lhe disse mil vezes? Sou soldado, cumpro ordens.

BEATA - Tenente...

TENENTE - Uns lhe chamam de louca. Outros juram que não, que é uma santa. Eu mesmo vi o menino cigo - e vi o menino enxergando! Mas quando você fala, tudo se confunde... O Coronel, é esse diz que você se faz de louca e de santa, conforme a hora - mas o que é mesmo é uma espiação do Padre....

BEATA : O senho? Que é que acha que eu sou?

TENENTE - Não sei! E não me importo mais! Para mim é só uma moça! Uma moça! (Tocalhe de leve nos cabelos - e a Beata consente) Um e belo tão bonito! Me perdoe, não disse por mal? (Pausa) - Sem pai, sem mãe, largada no mundo... com as idéias que aqueles penitente - aqueles bebedores de sangue! - lhe botaram na cabeça... E você não nada disso - é uma mocinha... E quando acaba, até de Fortaleza vem telegrama mandando prender você, como se fosse uma criminosa, uma g cigana ladrona..

BEATA - É. Presa, como mulher da rua. E de quem a culpa, Tenente?

TENENTE - Quer dizer que é minha? Mas não vê que eu tenho as mãos amarradas? Pensa que eu levo em gosto este papel que faço?

BEATA - Então me solte.

TENENTE - Se ao menos você promettesse voltar para a sua terra, esquecer essas loucuras, eu mesmo punha você na garupa do meu cavalo, levava você para a sua casa, entregava-a nas mãos da sua gente.

BEATA - mas, Tenente, eu não tenho casa neste mundo. Minha gente, que eu chame de minha, são esses mesmos com quem ando. Não se lembra? Sempre fui sozinha, enjeitada. Por caridade me criei...

TENENTE - É o que me dói! É o que mais me dói! Bem ninguém de seu, sem pai, sem irmão! Agora presa... ganhando fama de maluca... E com esse nome de Beata, que podia assentar nima velha, não em você. As beatas que eu conheço, cortam o cabelo feito homem, à escovinha. Por que não cortou também essa trança? (Corre timidamente a mão pelo cabelo dela. A Beat, imóvel, consente) Elas só têm uns ossos de velha por baixo da batina... Mas você... (Garr-a bruscamente pelos ombros) Meu Deus! Tenho medo de estar ficando doido! (Enterra o rosto nos cabelos da Beata).

BEATA (Fica um instante imóvel, sob o abraço dele, depois o afasta, suave) - Escute, Tenente...

TENENTE - (violento) - Eu tenho nome! Me chame pelo meu nome! Eu me chamo João - me chame João!

BEATA - Pois, se quiser, pode também me chamar de Maria.

TENENTE - Eu não lhe chamo de nada! Eu não preciso Não preciso de nome! se nem esmergo mais nada! mais ninguém! (Pausa) Maria! Sim, seu nome é Maria!

BEATA - Escute Tenente - escute, João... se eu lhe pedisse...

.....
 TENENTE - (Chega-se por trás dela, põe-lhe as mãos nos ombros, e encosta o rosto aos seus cabelos) - Sem, João me chame de João... Se você soubesse! Tem sido uma agonia tão grande Três dias e Três noites - desde a primeira hora em que vi você. E eu sabendo que é pecado... pensando naquilo tudo... Sem tirar-^o você do juízo... imagine, uma santa a quem o povo ima a bênção de joelhos... Eu tinha vergonha... tinha medo... sei lá! (Pausa) E então vinha espiar pela grades do cubículo - você rezando, ajoelhada. Uma vez vi que você batia com a testa no chão... (Acercia-lhe a testa) em mim! Saí correndo... Outra vez, você estava adormido na estreita esteira. Deitada do lado, um braço em cima dos olhos - parecia uma meninazinha, respirando tão manso! Tão desamparada! E o meu coração se apertou de novo, senti vontade de abrir a porta, segurar você... deixar você dormir no meu colo... mas tive medo, e saí de perto antes que você acordasse..

BEATA - João, se ou lhe pedisse....

TENENTE - Não tenho nada para lhe dar. Nem poder, nem riqueza - nada Uma casa não tenho! Tenente dos macacos - a-
 çugado do Governo - sei que é isso o que eu sou. De meu, tenho o triste corpo. Tivesse o mundo, lhe dava... (Abraça-a subitamente) Maria, se você quisesse!

BEATA (Write-se dentro dos braços dele e, afastan-
 -se um pouquinho fita-o no rosto) - João, pela sua promessa.

TENENTE (Não a quer ouvir, abraça-a de novo) - Não faça prego! Não faça prego! Queria você de graça! Que se esquecesse desta mortalha - se esquecesse de que é santa... Desata-lhe com um gesto o cordão da cintura e o atira ao chão)... tirasse isso!

(Fuxa o decote do vestido, descobre-lhe um pouco o ombro - beija-lhe o ombro).

BEATA (Sem resistir) - João... se você promete...

TENENTE - Não fale! Eu sei que estou doido! Sei que é crime... pecado... uma santa! (Sevira-lhe o rosto entre as mãos murmura) Maria... Maria!

Num gesto rápido, tom-a ao colo e a carrega para o cubículo. A Beata não resiste. Quando atravessam a porta gradeada, o palco escurece.

SEGUNDO QUADRO

É manhã cedo. Sobre a mesa, uma garrafa de leite, um pequeno pão. Sozinha, o Cabo Lucas, que, meio esritado no banco, fuma, a túnica entreaberta. O quepe acha-se pendurado à parede, no prego da chave. Está averta a grade do cubículo. A Beata chega até a porta e, vendo-o o Cabo se levanta repetoso, jogando fora o cigarro e compõe o colarinho.

GABO (estende a mão a mão, no gesto tradicional) - bênção, Beata!



BEATA - Deus te guarde, irmão. (Mudando de tom) bo Lucas, onde está o Tenente?

GABO - Foi em casa, mudar a roupa. Me deu ordem de trazer leite e pão fresco para a senhora. (Dirige-se à mesa, apanha leite e pão, que oferece à Beata) Está aqui.

BEATA - (recebe apenas o pão) - Obrigada. Um pedaço de pão me basta. Eu nunca bebo leite.

GABO (levando a garrafa para a mesa) - Eu disse a E le. Expliquei que a senhora não come carne nem leite. Só o pão o café e o feijão m' n'água e sal. Mas ele riu-se e disse que hoje a senhora comia. (Pausa) Eu não trouxe o café porque no bo tequim ainda não tinham feito.

BEATA - Não faz mal. Basta o pão. (Entra no cubículo, coloca o pão sobre a mesinha, volta) O Tenente não disse quando voltava? Pensei que na hora da minha saída ele estivesse aqui.

GABO - (Com grande estranheza) - Ana saída? Ele não me disse nada sobre a saída nenhuma. Até reforçou a guarda, com medo de alguma surpresa, enquanto ia em cas.

BEATA - Nesse caso, tenho de esperar até que ele chegue. (Apanha o rosário e começa a passear lentamente pela sala, rezando. O cabo não tira os olhos dela, surpreso, meio inquieto. Passam-se assim alguns momentos).

Entra o Tenente. Vem alegre, barba feita, ar jovem, farda limpa. Avança vivamente ao encontro da Beata. Co Cabo se perfila.

TENENTE - Bom dia! Bom dia! (Para o Cabo) Trouxe o leite?

GABO - SEM senhor, está ali. (Aponta a mesa com o queixo) Mas eu não disse? Ela não quis.

TENENTE - E o pão?

GABO - Ela tem.

TENENTE - Muito bem. Pode retirar-se, Cabo.

GABO - Com licença.

Sai o Cabo.

TENENTE (Sorrindo para a Beata, tomando-lhe as mãos - Bom dia, meu bem! Então não quis o leite que eu mandei trazer? Esta jejuando?

BEATA - Eu sempre jejuo. Já ficou por costume. (Retira as mãos) Estava esperando a sua chegada, para ir embora.

Tenente - Ah, seria ótimo. Mas creio que precisamos esperar. Ana gente está-nos vigiando. Talvez o melhor seja deixar passar uns dias, decidir-se a luta, e então iremos. Para qualquer lugar que você escolher.

BEATA - Se você quer ir comigo, vamos. Mas esperar, não. Sabe que eu não posso esperar mais nada.

TENENTE - (Sem entender) - Por quê? Para onde você quer ir?

BEATA - Para onde havia de ser? Para o Juazeiro!

TENENTE (Surpreso) m Mas.. você ainda está pensando em ir para o Juazeiro?

BEATA - E po que não? Não vejo notícia de que tenham levantado o cerco. O Padre ainda carece de socorro.



.....
TENENTE - Maria...Mas que loucura é essa? Será que você esqueceu? Então, esta noite... (Aproxima-se mais, segurando os braços) Como é que vem me falar de novo em Juazeiro? (Tenta beijá-la) Maria...Vai começar tudo outra vez? Meu bem, você esqueceu?

BEATA (Repele-o) - Não, não me esqueci de nada. Você, sim, é que parece ter esquecido tudo. Ou pelo menos o que me prometeu.

TENENTE - Que lhe prometi? Mas o que foi que eu lhe prometi? Meu Deus, Maria, você não entendeu o que houve? Pensei que fosse só por uma noite? Não, para mim você é tudo! Quem tem, hoje e toda a vida! (Tenta novamente abraçá-la).

BEATA (Afasta-o friamente) - Chega. Não me toque mais. Esta noite, foi porque eu pensei que você cumpria o tratado.

TENENTE - Mas você será mesmo louca? Depois desta noite...depois de tudo! (Segura-a nos braços, sem se importar com a repulsa que ela mostra), Maria, agora tudo mudou!

BEATA - Eu não mudei. Abra aquela porta e me solte.

TENENTE - Não posso! Vou soltar você, sem mas não aqui, no meio desses cabras. Não para você ser-arrastada às trincheiras do Padre Cécero. Quero levar você comigo, mas para longe, para qualquer lugar do mundo onde não a conheçam, nem me conheçam, e a gente possa começar vida nova... (Piha-a, sente-a rígida e cheia de repulsa - e afrouxa o abraço) Pelo menos era essa a minha idéia...era a minha esperança.

BEATA (Desprendendo-se-lhe das mãos) - Já vejo que me enganei...ou por outra, que você me enganou.

TENENTE - Nunca enganei você! Mas é incrível você pensar...Como é que eu podia? Como é que, agora, eu podia largar você assim? Você é minha! Me quer bem...eu lhe quero bem...Quero até ao ponto de largar tudo - vida, profissão...até o ponto de desertar! Às vezes penso que estou desatinado!

BEATA - Não foi porque você pedisse. Mas entenda: não digo só para convencer você, digo porque é verdade. Minha vida, agora, está nas suas mãos (Tenta segurar-lhe as mãos).

BEATA (Repelindo-o) - Se afaste. Estou vendo que tudo foi perdido.

TENENTE - Mas, minha Nossa Senhora, por que é que você mudou tanto? Esta noite...esta noite você foi como um anjo que abrisse os braços para mim. Parecia até que o mundo tinha se acabado. (Sacode-a) Bem? "eria mentira? Você não me quer bem como eu lhe quero...como tudo me fez acreditar que você queria?

BEATA - Bem? Você está louco? Eu não quero bem a ninguém. (Pausa) Eu só quero-bem a Deus.

TENENTE (Sinda sem entender) - Mas então, esta noite...

BEATA - Esta noite, você me cobrou um preço e me paguei. Como se pagasse uma passagem de trem - ou como se pagasse a carceragem! Pensei que, se eu lhe desse tudo que você queria, em troca você me soltava, deixava que eu fosse cumprir a minha missão.



TENENTE - Não sei como pensou isso. E não em missão! Eu não lhe prometi nada, estava iludido. Julguei que fosse amor também.

BEATA - Amor! tenente, parece que se esqueceu de quem eu sou. (Abre os braços) Olhe esta roupa, esta cruz, esta magreza de jejum!

TENENTE (Obstinado) - Mas você consentiu, esta noite. Deixou, não me empurrou, não gritou. - Ficou tão mansa! Eu não agarrei você à força, se lembra?

BEATA - Eu estava rezando. Pedindo forças aos meus santos para aturar tudo e não se tirar nada. Se esse era o preço que eu tinha de pagar para cumprir a minha missão - pois bem, pagava. Sem medo, e sem gritos. Você mesmo está dizendo. Você mesmo é testemunha! Não dei uma palavra, em suspeiro, suportei tudo.

TENENTE - (Desesperado) - Você diz que suportou, que me suportou! Naquela hora, quando eu pensava que o céu estava se abrindo..(Pausa)..e era capaz de me atrair num precipício, porque você me queria...(Pausa)..nessa hora, você estava apenas suportando? (Segura-lhe o braço) É mentira! -

BEATA - (Liberta o braço) - Eu não enganei ninguém. Não disse nada que o iludisse. Pensei que estava entendendo: eu fechava os olhos, consentia no que você quisesse - fosse o que fosse! - em paga, você me dava a minha liberdade.

TENENTE - Eu não lhe dava só a liberdade! Lhe dava tudo, até o sangue! me perdia...o que você quisesse! Mas era de graça, não em pagamento!

BEATA - Dava tudo? É por que recusa agora? O que lhe peço não é tanto. Basta abrir aquela porta.

TENENTE - (Sem escutar) - Não em pagamento..Bem-querer...amor...não é um trato. E eu pensando...(Deixa-se cair numa cadeira, aperta a cabeça entre as mãos) -...que é que eu pensava, meu Deus!

BEATA - Não diga o santo nome de Deus em vão! (Pausa) Ela fica a olhá-lo? ele continua sentado, o rosto escondido entre as mãos. Afinal, ela lhe toda no ombro) Pois agora, que entendeu, cumpra a sua parte. Mandê afastar os soldados e me deixe sair com a minha gente.

TENENTE (Sem escutar) - Quem sabia era o Coronel! Esse nunca se enganou! Você é um pouco louca, louca varrida! Com essa mania de missão...como é que eu não vi? Criada pelos penitentes...

BEATA - Louca ou não, que lhe importa agora? Deixe que eu vá.

TENENTE - Verdade que eu também fiquei louco, mas não a esse ponto! (Levanta-se) Você está aqui, presa, e presa fica!. Lugar de louco é nas grades! Você minha, me querendo, não sei que desgraça eu não fazia para proteger e salvar você. Morria, matava, fugia. Mas saber que você só queria...que que você me usou...Não, só de doido. Mulher nenhuma, no seu juízo, era capaz de uma idéia dessas. E se fosse por outro homem...eu por ambição...é por causa de um velho) ou por um filho...Mãe é porque os santos falam com ela - é por causa de um velho de batina...



BEATA - Agora diga o que quiser - não tem importância. Fiz tudo o que podia, tudo! Mas tenha medo do castigo que vem por aí!

TENENTE - Está voltando às suas pragas, ao seu natural? (Fitava) Mas quem sabe se tudo isso não é fingido? Você não é maluca nem nada. Só uma mulher ruim. Toda essa conversa de missão, de jejum, essa voz de santo que vive escutando e, no final de contas, você não passa de uma criatura que se seve do corpo para conseguir o que quer...

BEATA - Não me importo com o que você fique pensando. Só queria que me soltasse.

TENENTE - Mas não! Eu vi, eu senti... Conheci! Você era moça! Nunca homem nenhum tinha lhe tocado. Diga, não é verdade? Você nunca... nunca, não é mesmo?

BEATA - Nunca. Você sabe e agora - depois de tudo - pensa que estou diferente? Não me tocou. Foi como o sol passando pela vidraça.

TENENTE - Então, Maria, como é que se posso acreditar? Será que você... nem de longe? Esse corinho todo que eu sinto... Basta segurar na sua mão. Basta olhar esse se rosto... assim triste, eu tenho? Não sou aleijado... sou limpo... lhe dou nojo? Você conhece outro? Será outro, no mundo, para você, que que seja melhor do que eu?

BEATA - Não Não conheço homem nenhum. Para mim não existe homem. Feio ou bonito, moço ou velho, eu não enxergo. Não é por ser você. É que eu não conheço mesmo ninguém. Nem meu pai, nem mãe que tivesse.

TENENTE - E se você tiver um filho meu?

BEATA - Deus não consinta! Mas, se tiver, lhe entrego. Eu não posso ter família, não posso ter prisão. Meu do no e outro.

TENENTE (Afasta-se dela, abanando a cabeça) - Louca! Louca! É eu que pensava... (Volta a cair sobre a cadeira, após a cabeça ao encosto, escondendo o rosto entre os braços (Pausa).

Entra o Cabo.

CABO - Com licença! Seu Tenente, tem aí dois homens da Beata. Querem falar com o senhor! Estão no alpendre da guarda. Mando entrar?

TENENTE - (Salta da cadeira, volta-se furioso) - Não diga que eu não falo com bandido! Que não conheço nenhum homem da Beata! Eu não faço acordo com jagunço! Se estrarem aqui, levam bala!

CABO (Sssustado, recuando) - Sim senhor!

Sai o Cabo.

O Tenente recai sobre a cadeira, na mesma posição; mas não completa bem o gesto, porque a Beata o interpela.

BEATA - Você me enganou - anim! Mas a Deus ninguém engana! Espere a mão de Deus, que vem aí!

TENENTE (Ergue-se, encara a Beata, e exclama, em total desespero) - Quer-me fazer medo, depois de tudo? Mas agora eu conheço você! Faça as suas bruxarias, rogue praga, chame castigo! Deixe-o e stigo chegar! Que me importa?



3º A T O

O mesmo cenário. É de tarde. A porta de cubículo está fechada, a Beata presa lá dentro.

Em cena o Tenente. O Coronel Chico Lopes e o Cabo Lucas. O Tenente e o Coronel alham para a rua, através da janela gradeada. O Cabo Lucas está sentado no banco. O seu fuzil mauzer está perto, encostado à parede.

CORONEL - O cerco está fechado. Pararam na esquina. Devem estar tomando posição. Quando passei, pareciam dispepersos. Não pensei que estivessem organizados. Agora nem sei como é que me deixaram chegar aqui.

TENENTE (Sobrio) - É por que é que o senhor veio? Se eles pretendem realmente atacar a Delegacia, a sua presença aqui aumenta muito a minha responsabilidade.

CORONEL - (Com dignidade) Eu sei atirar, Tenente. Não se peiocune comigo. (Leva a mão ao revólver) Estou armado. Em vez de um peso a mais, posso talvez ser mais um atirador. E o senhor não dispõe de tantos, para estar fazendo luzo. (Pausa) Além disso, talvez eu consira fazer valer a minha autoridade sobre esses cabras.

TENENTE - Ora, Coronel, o senhor ainda se ilude? Pois eu penso que eles não se importam mais com autoridade nenhuma. Ou levam daqui o que querem...

CORONEL - Foi sobre isso, justamente, que eu achei necessário vir-lhe falar. Passei por cima do meu justo ressentimento...

TENENTE - O senhor se ofendeu porque quis.

CORONEL - Saí daqui magoadíssimo! Mas, como dizia, resolvi dominar o meu ressentimento e tornar a procurar o senhor, porque ambos somos responsáveis pela paz da cidade - e eu descobri uma solução.

TENENTE (Ri) - Coronel Chico Lopes, a estas horas com a Delegacia cercada - eu já nem sei se o senhor querendo sair eles lhes dão mais passagem? - ainda pensa que pode haver outra solução que não seja reestir?

CORONEL - Tenente, Valentia é muito bom - mas eu não quero um massacre aqui na minha cidade.

TENENTE - O senhor mudou muito. Coronel! Devia ter pensado nisso antes, quando chegava aqui aos gritos, exigindo uma solução de força; ou quando telegrafou ao Caga de Flórcia, denunciando a minha fraqueza com os romeiros... e quem sabe até se o senhor não falou na minha cumplicidade?

CORONEL - A situação foi que mudou. Naquela hora não podíamos permitir a insolência da Beata e dos cabras dela. E nós tínhamos a força na mão:

TENENTE - Agora, quem tem a força são eles...

CORONEL - Não digo tanto. Mas a situação da tropa expedicionária parece que não é brilhante. De forma que o melhor é nos livrarmos desta responsabilidade que é a presença da Beata.



TENENTE - Não se preocupe. A Beata, agora, é responsabilidade minha. Só minha.

CORONEL - Tenente, mais uma vez lhe recordo que sou o chefe político deste município e tenho que pensar no bem de todos! Preciso do senhor; preciso dos soldados, não posso consentir numa luta de vida ou morte! Vamos retirar a Beata!

TENENTE - Muito bem. E se eu concordasse em retirar a Beata, como é que o senhor ia conseguir isso, tendo a Delegacia cercada?

CORONEL - Claro que só pode ser com cautela, habilidade - e audácia. Mandei dois cabras da minha confiança me trazerem cavalos, da fazenda. Dei ordem para que esperem, com os cavalos selados, no quintal da casa do meu genro, que como o senhor sabe, fica ali... (Aponta) ...fundos correspondentes com a Delegacia. Logo que escurecer, a Beata sai, acompanhada pelo senhor ou pelo Cabo Lucas... (Indica a porta do alpendre)... por essa porta. Alcançam a casa de meu genro...

TENENTE - E se formos vistos?

CORONEL (Encolhe os ombros) - Como diz o outro, é a fortuna da guerra... Mas a Beata pode servir de escudo. Osromeiros não atiram, com medo de ferir a santa desles. Além do mais, os que ficarem aqui dão cobertura. (O Tenente escuta, de lábios cerrados, sem comentar) Os cavalos são ótimos, fazem mais de dez léguas num dia. Depois de amanhã podem chegar à ponta do trilho no Iguatu. E no Iguatu, que está em poder da tropa estadual, ela será entregue ao comandante, ou remetida a Fortaleza, pelo trem. Que me diz?

TENENTE - Não senhor, não concordo. É muito arriscado. E ela pode mandar que eles atirem, fiada em que tem o corpo machado. O senhor não conhece essa mulher (Meditativo) Não. A resposta, digo a responsabilidade é minha, já disse. Ela só sai daqui depois de eu morto.

CORONEL - Tenente, o senhor era um homem cordato, até demais; eu é que casecia estar ferrendo o senhor, sempre que precisava de uma providência mais enérgica. Agora parece desesperado! (Olha-o bem de frente) Que foi isso, delegado? Então será verdade o que o povo diz? Pensei que era um falso que andavam murmurando... (O Tenente e encerra, também) Não sabe que dizem por aí que o senhor perdeu a cabeça por essa mulher?

TENENTE (Com insolência) - E o que é que o senhor acha?

CORONEL - A minha opinião não adianta; repete o que estão falando. Chegam a dizer que o senhor abusou dela. E agora eu pergunto: será verdade?

TENENTE - Não pergunte a mim, Coronel. Pergunte a ela ~~lha~~

CORONEL - Então é essa a sua resposta a uma pergunta que lhe faço como amigo?

TENENTE - O senhor nunca foi meu amigo.

CORONEL - Como? Está maluco? Tenente? Quem foi que pediu sua nomeação para cá? Lembra-se de que levantei a cabeça o senhor me tomou odio.

CORONEL - Não seja ingênuo, rapaz! Se eu lhe tivesse ódio, você já tinha rodado daqui há muito tempo. Mas confesso que, com efeito, não me agradam esses seus modos insolentes



Deve-se lembrar de que eu sou o chefe, aqui! Agora, porém o caso é outro - e urgente. Digo-lhe que o povo da cidade está furioso e apavorado. Não se esqueça de que este povo da cidade está furioso e apavorado. Não se esqueça de que eles acreditam piamente que a mulher é santa!

TENENTE - E o senhor, Coronel, agora também acredita nisso? Já não se lembra de quando entrou aqui aos gritos, chamando a Beata de louca, exigindo que eu presenciasse, matasse e enforcasse?

CORONEL - Alto já, não exager! Nunca fui homem de violências. Queria as providências legais. Se pedi a detenção da Beata, foi para evitar mal maior. (Pausa) De qualquer forma, sejam quais forem as nossas convicções pessoais, temos que ceder diante da opinião pública, que está erradíssima. Se o boato for verdadeiro, então, nem nei... Se relamente o senhor abusou dessa rapariga...

TENENTE (Começa a rir, amargamente) - Não, Coronel! Se a questão é de abusar, que é que o senhor ficava pensando se eu lhe dissesse que ela é que abusou de mim?

CORONEL - Tenente, eu sou um velho! Não brinque comigo! a situação é gravíssima!

TENENTE - É só o que se fala, na cidade. Imagine o medo do povo e o escândalo! E ainda não há certeza, só murmúrios. Calcule agora o que será se se confirmar a suspeita de que o senhor, prevalendo-se da sua autoridade, submeteu a vexames essa pobre moça...

TENENTE - Não continue procurando me fazer confessar, Coronel. Já lhe disse que não me pergunte nada. Pergunte a ela.

CORONEL - É o que farei! (Abana a cabeça) Mas não acredito. A mulher impõe respeito - o senhor não se atreperia. O melhor é seguir o meu plano tratar de mandá-la para longe.

Com a saída da Beata o povo se acalma. Osromeiros vão atrás dela. E o comandante em Iguatu, ou o Chefe de Polícia em Fortaleza, que descalcem a bota. (Pausa) A noite não está longe. E os meus homens talvez já tenham chegado.

TENENTE (Que se tinha sentado, ao ouvir as últimas palavras do Coronel, levantou-se bruscamente) - Coronel Chico Lopes, eu já disse ao senhor: essa mulher só sai daqui depois que eu estiver morto! Então o senhor não entende?

CORONEL - O quê?

TENENTE (Com ar desvairado) - Porque ela não é gente... Porque debaixo daquela mortalha o senhor pensa que está uma mulher - mas é só o corpo! Está é um demônio! A gente se ilude com aquela fala mansa... com aqueles olhos... com aquele pescoço delgado... com a fama de bondade que ela espalhou por aí, fazendo caridade... É o aleijado que andou - ou é o menino cego que enxergou! Mas chegue perto - é o demônio, é o Sata-nás em figura de beata!

CORONEL - Delegado, o senhor parece que não está no seu bom juízo. Ou andou bebendo?



TENENTE + Beber? Não bebi, não senhor! Eu não bebi nunca! Se pareço louco ou se pareço bêbado, é tudo por causa dela. ...perversidade, bruxaria, sei lá! (Cobre os olhos com as palmas das mãos, deixa-se estar assim um momento. De repente, ergue a cabeça) O senhor quer entregar a Beata a dois homens de sua confiança e mandá-la com eles para Fortaleza. Pense que ela, sendo mulher, a parte fraca, se sujeita e obedece? E está fiando em que os cabras são da sua confiança? Lhe juro, Coronel, que antes dele andarem ceia légua a Beata já enfeitiçou os desgraçados - já estará correndo a goaope, sozinha, a caminho do Juazeiro. Ou pior: se duziu os homens, e volta com eles para buscar o resto do cabroeiro aqui. Por essa mania do Juazeiro e do Padre ela é capaz de tudo, tudo! (Pausa) Mas, torno a dizer: só vai depois que eu estiver morto!

CORONEL - Então, proponho outra solução: entregue-me a Delegacia, e, em vez dos cabras, vá acompanhando a Beata o senhor mesmo, que já a conhece.

TENENTE - Eu? Só aos pedaços! Isso queria ela!

CORONEL - Tenente, por tras disso há qualquer coisa. Porque, falando com franqueza, eu não me convenço de que o senhor acredite sinceramente nos poderes diabólicos dessa rapraiga. Afinal, o senhor não é um caboclo analfabeto como os outros, é um oficial de polícia...

TENENTE (Dá uma gargalhada meio histérica) - Sim, sou diferente, sou um oficial! (Continua a rir).

CORONEL (Irritadíssimo) - Sabe o que eu penso, em verdade? É que o senhor tem receio de que essa moça chgue à capital e conte o que se passou aqui, entre estas quatro paredes!

TENENTE (Que se acalmou) - Coronel, só lhe posso dar a mesma resposta que dei antes: pergunte a ela!

CORONEL - Eu repito: é o que vou fazer! Tenha a bondade de abrir a porta do cubículo.

Durante todo esse diálogo, o Cabo, apesar de interessado, não se moveu da sua posição. A Beata não se deixou ver, recolhida ao fundo da cela. Ao pedido do Coronel, o Tenente apanha a chave no prego, abre com ela a grade e afast-se para o lado. O Coronel entra no cubículo, desaparece da vista do espectador, mas volta logo, com a Beata à frente.

Entra a Beata.

O Tenente deixou-se estar encostado à parede. O Coronel assume postura de inquisidor, mãos cruzadas às costas, ar severo. A Beata, em silêncio, ergue para ele os olhos. O Tenente continua na mesma posição, de vista baixa.

CORONEL (Para a Beata) - Trouxe a senhora aqui porque desejo lhe fazer umas perguntas - e na presença do delegado. (A Beata continua a fitá-lo, sem dizer nada) Correm uns rumores... O Povo da cidade anda inquieto, murmurando. Isto, sem falar nos seus homens, que já estão em pé de guerra. Não sei quem espalhou o boato; provavelmente te foram mesmo os seus taisromeiros.... (Toma coragem) Bem, o que dizem é que a senhora sofreu violência aqui, às mãos do Tenente. É verdade?

BEATA - Eu não me queixo de ninguém.

CORONEL - Então é mentira?



CORONEL (Hesitante) - Bem, talvez... (Resolve-se) em
tão... Deus que o ajude!

O Cabo se manteve disciplinadamente em silêncio, durante toda essa conversa - mas acompanhando com apaixonado interesse o que era dito. Quando se falou na retirada da Beata, ele parecia arrotar. Ao fazer o Coronel menção de partir, ele se dirige à porta principal, entreaberta - e escuta-se uma ssobio da bala.

TENENTE - Parece que já é tarde. Eles estão atirando

CORONEL - Mas eu não posso ficar preso aqui!

TENENTE (Encolhe os ombros) - Não fui eu que chamei o senhor.

CABO - Seu Coronel, por que não fala com eles? Os homens não querem o senhor, só querem a Beata. E a rxe delea é com o Tenente...

CORONEL - Vamos ver. (Chegando à janela, que foi fechada, encosta a boca à seteira aberta na madeira, gritando) Pessoal! Quem está falando é o Coronel Chico Lopes! Não faça fogo! Tenho notícias da Beata!

UMA VOZ (Lá de fora) - Pois traga a Beata!

CORONEL - Levo recado dela!

AVOZ - Então levante as mãos e venha!

CORONEL - Não senhor! Serei criminoso, para sair daqui de mão para cima? (Pausa) Vou sair como entrei! Se quiserem atirar, que atirem! (Para o Cabo) Abra a porta! (O Cabo obedece. Para os dois que ficam) Adeus! (Sai).

O Cabo vai espiar da janela. O Tenente senta-se, exausto.

TENENTE - Passou?

CABO (Depois de um momento) - Passou. Mas tomara o revólver dele. Ele está protestando... está ido embora, junto com o Padre, digo, Pedro Cigano. (Pausa).

TENENTE (Levanta-se) - Cabo, corra os ferrolhos e passe a tranca na porta (O Cabo obedece) E agora mande recolher aqui na sala os homens da guarda. Espero que eles tenha se abrigado por trás do parapeito. Mas é melhor verem para cá, antes que comece o tiroteio cerrado.

CABO (Tendo voltado à janela, vira-se, hesitante) - Mas, Tenente... (O Tenente, que se levantar e se encaminhava na direção do armário das armas, detém-se e fita interrogativamente o Cabo) Não vê, Tenente, quando o Coronel estrou, já não tinha mais homem nenhum no alpendre-da-guarda. Pensei que o senhor abia.

TENENTE (Furioso) - Que história é essa? Traição? para onde foram os homens? Morreram ou fugiram?

CABO - Não sei, Tenente. Mas acho que estão por perto. O senhor quer olhar aqui, por seu favor? (O Tenente chega à janela e esbia pela seteira) Repare ali... à sua mão direita. Aquel não é o soldado Cleto; E o que está junto dele é o 22, sem engano nenhum. E o Antônio Amador, está vendo?... Talvez o senhor Amador até botou na cabeça em chapéu deromeiro. E)repare bem Talvez o senhor estranhe, porque eles jogaram fora os bonés... E repare bem que ele está mesmo com o Mauser apontado para cá... (O Tenente abandona de brusco a janela, corre pra o armário, abre-o com chave que traz numa argola, no bolso, e começa a retirar armamento de lá, febrilmente, jogando-o sobre a mesa. Dois rifles,



um revólver, uma garrucha natiga, caixas de balas, latas de pólvora e caumbo, espoletas. Quando elae está ocupado com isto. a Beata chega à porta do cuiculo, qe ninguém fechou).

Entra a Beata.

BEATA - Tenente!

TENENTE (Virá-se rápido) Já se esqueceu do meu nome hem? Esta noite você me chamva de João.

Beata. Sem, João, é melhor lhe chamar de João. Ninguém batizou voxê por Tenente. A água bente do batiesmo só conhece João.

TENENTE - A água bente do batismo... Já parou de rogar pregas?

BEATA - João, minha palavra é de paz. Escute o que lhe digo, antes que seja tarde. Não se atravesse no meu caminho que Deus quer tem muita força.

Durante o diálogo, o Tenente se ocupa, febril, em carregar as armas inclusive a garrucha, com carga de pólvora pela boca. O Cabo Lucas mantém vigigia na seteira da janela.

TENENTE - Deus ou o diabo? (Olha-a) Se eu chamasse um padre para lhe fazer exorcismo, esta sala ficave fervilhando de demônios, feito morcegos. Vá para o seu quarto, que é melhor.

BEATA - João...

TENENTE - Cale a boca! Não ameace, que eu não tenho medo! E não finja mais, que eu já abri os olhos! Também não me rogue, que eu não tenho pena!

CABO (Excitado, da janela) - Tenente, eles estão trazendo uma estaca! (Quase gritando) Querem fazer um aríete e arrombar a porta!

O Tenente levanta-se, vai à janela, olha para fora um momento, retorna à mesa e volta a lidar com as armas. A Beata se ajoelha junto à porta do cubículo e põe-se a rezar, com a cabeça afundada no peito. O Cabo olha para ela, depois fita o Tenente, hesitante, mas acaba tomando uma resolução e apropriou-se dele.

CABO - Seu Tenente, desculpe...



TENENTE (Levanta a cabeça) - Que é?

CABO - Eu sei que o meu direito é obedecer... Mas eu sou mais velho que o senhor, e lhe queo bêm. Sou homem seu - o senhor sabe! Mas tenho família e tenho fé em Deus, Tenente. O senhor é testemunha de que eu cumpro ordens...

TENENTE - (Com frieza) - Também quer ir embora?

CABO - Não senhor! Mas tenho medo do castigo! Não é só o reomeiro que está cercado a cadeia - é o povo todo da terra. E o senhor mesmo não viu? Até os seus soldados! Quer dizer que eles têm medo também - meso do sacrifício que está havendo aqui dentro. A cidade inteira está amotinada.

TENENTE - E o que é que você quer que eu faça?

CABO - Tenente, eles só querem livrar a Beata. (Suplica) Tenente, pelo amor de Deus, solte a santa!

TENENTE - Que santa? Tenho aqui uma presa, cúmplice dos rebeldes do Juazeiro.

CABO - Tenente, quem chama a Beata de santa não sou eu só - é a voz do povo!

TENENTE - Lugar de santo é no céu! (Ríspido) Volte para a janela, Cabo. Veja o que está havendo.

O Cabo quer falar ainda, mas não tem coragem. Calasse, vai obedecer à ordem, quando se escuta o primeiro beque do ariete de encontro à porta. A Beata, sempre de joelhos, cruza com força os dedos das mãos postas, curva-se ainda mais rezando sempre.

CABO (Correndo à janela, grita) - É o ríete! Eu não disse? Eles vão mesmo arrôambar a porta! Tenente, por alma de seu pai e de sua mãe, não faça em coisa dessas! Se eles entram aqui...

TENENTE - (Acastelando-se atrás da mesa, empunha um dos rifles. As pancadasso do ariete continuam, em ritmo lento; a madeira da porta cede um pouco, mas a tranca de ferro resiste) Que é que eu estou fazendo? Não pretendo atirar primeiro! Estou sendo atacado - e não ataco. Sou polícia, não sou assassino. Mas quem entrar aqui, morre!

CABO - Tenente, mas se o senhor quisesse...



TENENTE - Chega, Cabo! Pegue a sua arma! (O Cabo pega a arma e põe a munição numa caixa que está sobre a mesa. O Tenente pega o fuzil e encosta-o à parede) Olhe a munição! (Oferece alguns pentes de balas, que o Cabo vem apanhar) Tome posição! Quero ver se arrombam a porta! O primeiro que entrar - fogo!

Ficam os três imóveis; o Tenente está de pé por trás da mesa, com o revólver na mão. As pancadas do aríete se sucedem - quatro, cinco, seis vezes. À sétima, a tranca ainda agüenta. De súbito, a Beata se levanta, corre à porta, e força para levantar a tranca.

BEATA (Gritando) - mais força! Mais força! Eu ajudo!

TENENTE (Salta de onde está, com uma das mãos agarra a Beata, com a outra lhe encosta o revólver à cabeça, grita para fora) - Se arromberem a porta a Beata morre!

As pancadas cessem.

BEATA (Grita para fora) - Me ajudem! O aríete bate de novo).

TENENTE (Grita para fora) - Querem que ela morra? Batem outra vez, que eu atiro! (Cessam as batidas. A Beata, tentando desvencilhar-se, luta com o tenente, sem se importar com a ameaça do revólver. O Tenente, cujo braço a luta desviara, consegue apontar novamente a arma, e exclama) Eu atiro! (Mas, em vez de atirar, rodia a Beata com os braços, agarra-se com ela, num abraço desesperado) Maria, meu Deus, Maria! (A Beata continua lutando; o Tenente, porém, abraça-a com mais força, apertando o rosto contra o pescoço dela).

CABO (Assiste a tudo trançado, mas, ao ver o Tenente abraçar a Beata, larga o fuzil e, saltando sobre o outro, segura o braço) - Tenente, pela chagas de Cristo! Se lembre que é uma santa, uma santa! (O Tenente não o escuta, e o Cabo procura tirar a mulher dos seus braços. A Beata aproveita o auxílio, levra-se. Enquanto isso, o aríete volta a bater, em pancadas, lentas, raras, regulares. Lutando com o Cabo, o Tenente rola pelo chão, mas não solta ainda a arma. Em certo momento, está de frente para a Beata, aponta para ela. O Cabo, porém, consegue arrancar-lhe o revólver. O Tenente luta, rola de novo o Cabo fica sobre ele. Está de costas para o público, ajuchado sobre o outro, que caiu em decúbito dorsal. Por fim, o Cabo



retira a face que traz à própria cintura, ergue a mão para
, e por duas vezes fere o Tenente. Durante a luta, a Beata le-
tamente se recompõe, passa as mãos pelo cabelo e pelo vestido.
As pancadas do riote cessam; parece que lá fora os atacantes
presentiram a peleja e aguardam o resultado. Súbito, como se
cansasse de esperar, o riote bate outra vez. A Beata como que
desperta à pancad, dá um passo, quase tropeça com os dois cor-
pos - o Tenente morto, no chão, o Cabo de joelhos, chorando so-
bre ele. Alcança a porta, seuta a tranca, grita).

BEATA - Esperem! Eu vou abrir! (As pancadas cessam.
Penosamente, a mulher consegue levantar a pesada tranca, sobre
a porta empenada, da qual já sahtarem estilhaas. Com as mãos em
bas escancerra as duas folhas, e ouve-se uma exclamação de triu-
unfo do poveréu, lá fora. E logo a voz de Beata se ergue no ar,
muito clara) Blória a Deus!

TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Borges de Medeiros, 835 = CEP 90010

P A N O

OBS: 1:10 DE DURAÇÃO.